



## II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



### **Cartografia para crianças e escolares na Educação Básica: contextualização na perspectiva do letramento cartográfico<sup>1</sup>**

Carla Costa de Moraes<sup>2</sup>

Andrea Coelho Lastória<sup>3</sup>

Universidade de São Paulo – USP

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-SP

#### **Resumo**

Neste trabalho tecemos considerações sobre a Cartografia para Crianças e Escolares na perspectiva da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no Brasil. Nosso objetivo é demarcar a Cartografia como linguagem a ser ensinada, de modo regular e sistematizado, nas unidades escolares e, ainda, discutir o letramento cartográfico como um processo importante para a formação dos estudantes brasileiros. O referencial teórico assenta-se, principalmente, em pesquisadores nacionais que, nas últimas décadas, buscam ressignificar a linguagem cartográfica nas práticas educativas, formativas e investigativas. Como um ensaio teórico, os resultados são tecidos à luz das atuais políticas públicas que configuram o ensino de Geografia.

**Palavras-chave:** Cartografia escolar, Letramento cartográfico, Formação docente

#### **Introdução**

A discussão da Cartografia e do Ensino de Geografia não é tão recente quanto alguns possam presumir. Nossa principal referência para esse campo de estudo constituem os trabalhos de Lastória e Fernandes (2013), Almeida (2011), Vieira (2015), entre outros.

As discussões em âmbito nacional e internacional sobre a Cartografia Escolar apontam que a compreensão da linguagem cartográfica é passo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no II Congresso Iberoamericano Nós Propomos!: Geografia, Educação e Cidadania.

<sup>2</sup> Estudante de pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. E-mail: carlamorais@usp.br

<sup>3</sup> Docente no Departamento de Educação, Informação e Comunicação. Universidade de São Paulo/USP. E-mail: lastoria@ffclrp.usp.br



## II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



importante na leitura das realidades geográficas. Tais discussões indicam para a necessidade de se repensar a formação docente. Esse é o debate que nos interessa e sobre o qual pretendemos nos debruçar. Os estudos nesse campo apresentam formulações que abrem problemas específicos, também relevantes, que suscitam ângulos diversos de análise: por que ensinar a linguagem cartográfica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Que conhecimentos os professores possuem sobre a linguagem cartográfica? Como ministram os conteúdos cartográficos em sala de aula? Quais dificuldades enfrentam com o ensino dos elementos cartográficos básicos?

Entendemos que essas quatro questões sobre “por quê, o quê, como ensinar” e “quais as dificuldades” encontradas pelos professores ao trabalharem com a linguagem cartográfica são centrais para a compreensão das práticas pedagógicas e da aprendizagem dos conhecimentos cartográficos pelos educandos.

Apoiados na literatura disponível sobre a didática da Geografia e da Cartografia, encontramos poucos estudos sobre os saberes docentes e o ensino de conteúdos das didáticas específicas, como a Geografia e a Cartografia Escolar que são ensinadas na escola. Notamos ser consenso entre os pesquisadores brasileiros e internacionais da área de Cartografia Escolar que ensinar o mapa para as crianças e compreender o seu processo de ensino e aprendizagem são desafios permanentes para os professores do Ensino Fundamental (Almeida, 2007; Lastória e Fernandes, 2013; Castellar, 2011, Vieira, 2015). Dessa forma, entendemos que as pesquisas sobre as concepções docentes e sobre como os professores organizam seu trabalho de ensinar por meio da linguagem cartográfica na escola são fundamentais para compreensão do processo de aquisição dessa linguagem.



## II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



### **Contexto da cartografia escolar nas pesquisas e políticas públicas**

Antes de entrar para a escola, a criança brasileira já participa de várias práticas sociais de letramento que influenciam diretamente sua forma de ver e compreender o mundo em que vivemos. Saber ler e escrever o próprio nome não mais significa exercer o direito de ser cidadão atuante e participativo na sociedade. É neste contexto que o ensinar Geografia nos Anos Iniciais torna-se essencial para formação crítica do educando. O desenvolvimento do conceito de letramento cartográfico tem sido entendido por pesquisadores e professores como importante para a compreensão do espaço geográfico e das relações nele existentes.

Nas leituras realizadas, encontramos vários trabalhos publicados sobre a alfabetização cartográfica e sua relevância na vida das crianças brasileiras. Notamos, entretanto, uma variação nas denominações utilizadas pelos diferentes autores. Deparamo-nos com os termos “educação geográfica”, “iniciação geográfica”, “letramento cartográfico”, “introdução cartográfica” e , mais recentemente, “leiturização cartográfica”. Tais termos. Com variadas nuances, são usados por diferentes autores em diversos contextos institucionais. De modo geral, podemos tomá-los como sinônimos de “alfabetização cartográfica”, termo mais utilizado em coleções didáticas e orientações curriculares voltadas para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

O letramento cartográfico está relacionado ao processo de aquisição de uma linguagem específica, a linguagem dos mapas, que faz parte do universo escolar. Com o avanço das pesquisas em letramento no Brasil e no exterior, as autoras Assolini e Tfouni (2007) relacionam o conceito de letramento diretamente com as práticas sociais de leitura e escrita que, por sua vez, possuem contextos e discursos específicos. Para as autoras que trabalham com o letramento não há



consenso sobre sua definição sendo as contribuições de Street (1989 apud Assolini e Tfouni, 2007, p.38):

o letramento não é simplesmente um conjunto de habilidades técnicas aprendidas através da educação formal. Este conceito, diz o autor, deve ser tomado no sentido de práticas sociais embebidas em contextos específicos, discursos e posições.

As autoras ainda ressaltam para o equívoco conceitual de que o letramento se traduz nas técnicas e habilidades para ler e escrever, concepções advindas de uma “heterogeneidade discursiva<sup>4</sup>”, entretanto, é possível que o letramento na perspectiva Sócio-Histórica possa sim conter a alfabetização como um dos seus processos. Ou seja, durante o processo “continuum” de letramento, e em determinado momento, pode ocorrer a alfabetização dos sujeitos. De acordo com Assolini (2010) a proposta de “alfabetizar letrando” proposta por Tfouni (1994) é baseada na Análise de Discurso presente na teoria Sócio-Histórica de Letramento de matriz francesa. Consideramos que a Cartografia Escolar contribui para essa referida leitura de mundo na medida em que permite ler e interpretar o espaço próximo ou distante por meio de símbolos que se relacionam entre si, representando no papel um espaço reduzido, que fornece ao leitor informações que o ajudarão a se localizar, compreender e comparar diferentes espaços do mundo e suas dimensões.

Para vários pesquisadores da área, dentre eles Martinelli (2001), Simielli (2007), Lastória, Moraes e Fernandes (2013); e outros, a linguagem cartográfica pode ser trabalhada desde a Educação Infantil por meio de brincadeiras, jogos

---

<sup>4</sup> Segundo Assolini e Tfouni (2007) existem diferentes conceitos de letramento na bibliografia especializada, sobretudo na inglesa. O texto apresenta a divisão entre duas principais vertentes: o modelo autônomo de letramento e, como oposição, e defendido pelas autoras, a abordagem sócio-histórica de letramento (ou modelo ideológico). Esta última abordagem baseia-se na análise do discurso de linha francesa e nas contribuições da psicanálise lacaiana. Considera o letramento como um processo “*continuum*” e que não deve ser dissociado da análise das ideologias e transformações da sociedade.



## II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



e atividades lúdicas. Nos Anos Iniciais, o trabalho com as noções e conceitos cartográficos deve ser mais sistematizada, afinal as categorias do espaço geográfico como território, paisagem, lugar e região já fazem parte do currículo. Entendemos, portanto, que o letramento cartográfico nos Anos Iniciais possibilita ao educando articular procedimentos e atitudes para uma melhor compreensão do próprio espaço e seu entorno. Sobre tal aspecto, salientamos a seguir as considerações de Pires Júnior (1997, p.73)

O letramento cartográfico não se refere apenas às atividades ligadas ao ensino da Geografia, mas, sim, a um processo interdisciplinar, incluindo aí a linguagem, a matemática, as ciências naturais e a arte. Trabalhando a linguagem cartográfica e a construção de cartograma, o aluno desenvolve o raciocínio lógico-matemático, as noções de espaço, a produção escrita e a compreensão de representações entre outros objetivos propostos pelas diferentes áreas do Núcleo Comum.

As recentes pesquisas sobre a Cartografia Escolar nos Anos Iniciais no Brasil são diversas. Julgamos importante destacar as que se dedicam a investigar “o que” os professores entendem sobre o letramento cartográfico e “se” e “como” as noções cartográficas são trabalhadas nas práticas docentes do Ensino Fundamental de escolas públicas. O trabalho de Romano (2007) explicita que a disciplina de Cartografia não faz parte da matriz curricular de muitos cursos de formação inicial de professores. Esse aspecto é bastante preocupante tendo em vista as lacunas e dificuldades apresentadas por professores atuantes nos Anos Iniciais a respeito da compreensão da linguagem cartográfica.

Para Castellar (2011) é preciso que os professores compreendam os fundamentos teóricos da discussão cartográfica, por isso a Cartografia merece relevância no currículo escolar. A autora defende que os conteúdos precisam ser tratados na formação, tanto na inicial quanto na continuada dos professores e destaca que, para ensiná-los, é necessário se apropriar das noções e conceitos cartográficos.



## II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



O Governo do Estado de São Paulo, por exemplo, implementou no ano de 2008, pela Secretaria Estadual de Educação, um **programa curricular**<sup>5</sup> que apresenta materiais didáticos que contemplam apenas as áreas de Língua Portuguesa e Matemática para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Na organização curricular veiculada, a Geografia “pode” ser trabalhada por meio de textos ou projetos interdisciplinares, mas isso nem sempre ocorre ou se ocorre o ensino se dá em raros momentos. O professor não tem autonomia para propor atividades cartográficas, por exemplo, caso julgue necessário. Existe supervisão para garantir que os professores cumpram os conteúdos curriculares pré-definidos e, também, existe avaliação periódica dos alunos, da escola e dos próprios professores.

No âmbito nacional temos a Prova Brasil que pontua e classifica a qualidade do ensino dos municípios e suas escolas por (entre outras variáveis) uma avaliação geral de conhecimentos da Língua Portuguesa e Matemática (exemplo do índice IDEB). Nesta avaliação externa, os conhecimentos cartográficos também não são priorizados. Vivemos, portanto, um período de complexos fatores externos a sala de aula, referentes às políticas públicas e curriculares que influenciam diretamente a prática de ensino dos professores e a vida cotidiana dos alunos. Apesar de ter algumas boas intenções, a ideia de haver um Currículo Único se fortalece com as políticas tecnicistas a partir das décadas de 1980-90. Estas “pedagogias” ou tendências educacionais têm como eixo a racionalidade, a eficiência, a memorização, a repetição e a produtividade.

---

<sup>5</sup> Dada a problemática da alfabetização identificada pela política educacional paulista desde os anos de 1980, em 2007, foi publicada a Resolução SE nº 86 instituindo o Programa Ler e Escrever, no ano de 2008, para o ciclo I das escolas estaduais de Ensino Fundamental da região metropolitana da Grande São Paulo-SP. No final de 2008, foi promulgada a Resolução SE nº 96 estendendo o programa para todo o estado de São Paulo, em 2009. Segundo o Guia de planejamento e orientações didáticas do professor orientador, esse programa passou a ser uma das prioridades da atual gestão e visa alcançar as metas relativas à alfabetização dos alunos e à recuperação da aprendizagem das séries iniciais. <http://lereescrever.fde.sp.gov.br/SysPublic/Home.aspx>. Disponível em 8 julho de 2017.





## II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



Com a implementação da **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**<sup>6</sup> temos um documento que, em tese, carrega as metas e ideologia advindas de várias dessas políticas públicas brasileiras. A BNCC pode ser compreendida como uma nova materialização da política pública nacional para o ensino brasileiro em substituição aos **Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs**<sup>7</sup>, implementados em meados dos anos de 1990. Os PCNs de Geografia, apesar dos vários problemas que apresentam, valorizam a linguagem cartográfica como uma das importantes linguagens a serem ensinadas e aprendidas no contexto escolar. A BNCC, em suas versões preliminares, também destaca tal linguagem como essencial para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Diante do exposto, reconhecemos que ambos os documentos oficiais mencionados explicitam a importância da Cartografia Escolar para os Anos Iniciais. Afinal, do ponto de vista da aquisição de conhecimentos, o principal objetivo dessa esfera de ensino é trabalhar com habilidades que visam o domínio de competências básicas para dar início à construção dos conceitos estruturantes de todas as disciplinas escolares, e a Geografia é uma delas.

Importante destacar que o ensino de Geografia nos primeiros anos do Ensino Fundamental deve se preocupar em possibilitar a leitura de mundo, a partir da análise da realidade vivida e percebida pelo educando. Uma prática pedagógica que valoriza essa forma de aprendizagem proporciona a ampliação

---

<sup>6</sup> A Base Nacional Comum Curricular - BNCC é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), o referido documento deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, do Brasil. Ela estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Disponível em 8 julho de 17.

<sup>7</sup> O Ministério da Educação - MEC publicou em 1997 e 1998, respectivamente, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, de 1ª a 4ª séries e de 5ª a 8ª séries depois de ter divulgado às Versões Preliminares dos documentos no ano de 1995. O documento ofereceu a proposta ministerial para a construção de uma base comum nacional para o Ensino Fundamental brasileiro e ser uma orientação para que as escolas formulem seus currículos, levando em conta suas próprias realidades. Disponível em julho de 2017: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>



## II CONGRESSO IBEROAMERICANO N3S PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCA33O E CIDADANIA



de habilidades e compet4ncias no educando para atua33o no mundo social. Nessa perspectiva, torna-se essencial pensar em uma inicia33o cartogr3fica, ou seja, pensar o educando envolvido com no33es, conceitos e habilidades cartogr3ficas desde o in3cio de sua escolariza33o. Isto significa pressupor pr3ticas educativas integradoras, onde as no33es e conceitos cartogr3ficos est3o associados aos demais temas relevantes dos Anos Iniciais e do pr3prio processo de letramento infantil. Neste sentido, Last3ria e Fernandes (2013) criticam as pr3ticas escolares que contemplam a Cartografia apenas como um cont3udo isolado dos demais, ou mesmo como um “ap4ndice” de determinados cont3udos espec3ficos. As referidas autoras salientam que a Cartografia n3o deve ser abordada num 3nico cap3tulo dos livros did3ticos, pois n3o se trata de um cont3udo a ser ensinado de forma fragmentada e ou desconectada dos demais cap3tulos do livro de Geografia ou mesmo de Hist3ria.

Considerando que os professores dos Anos Iniciais n3o s3o especialistas de uma 3nica disciplina espec3fica, a forma33o que recebem deveria qualific3-los para trabalhar com no33es b3sicas que garantam o ensino e a aprendizagem de todas as 3reas do conhecimento, por meio, portanto, de variadas linguagens. Neste sentido, boas pr3ticas pedag3gicas envolvendo o letramento cartogr3fico precisam ser valorizadas, discutidas, ensinadas e compartilhadas pelos professores e pesquisadores. Tais pr3ticas est3o permeadas por v3rios saberes que influenciam a pr3xis docente. Mas afinal, que saberes s3o esses?

### **Saberes docentes e o professor em forma33o**

Sabemos que o professor possui papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem na medida em que organiza pr3ticas significativas que ir3o propiciar a aquisi33o da linguagem cartogr3fica pelo educando. Cientes tamb3m, por meio da leitura de autores que dedicam seus estudos 3s pr3ticas escolares,





## II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



aos saberes e à formação docente, que o processo de mediação realizado pelo professor não é neutro, ao contrário, carrega influências e traços de sua experiência pessoal e profissional, buscamos, brevemente destacar, alguns desses saberes que envolvem o processo de ensino dos conteúdos e que, muitas vezes, são (re)construídos nas formações inicial e continuada.

O saber docente é um dos elementos constitutivos do conhecimento escolar, caracterizado por um conjunto de conhecimentos, informações, valores, normas, condutas, técnicas e estratégias que subsidiam e efetivam a prática do professor. Nessa lógica o conhecimento docente é proveniente de diversas instâncias: das diversas formas de organização da comunidade, da família, da vida social, da formação e da prática profissional.

Tardif, Lessard e Lahaye (1991) classificam os saberes em: *saberes das disciplinas*, *saberes curriculares*, *saberes profissionais* e *saberes da experiência*. Os saberes docentes são, pelo exposto, variados e provenientes de diferentes fontes, naturezas e tempos de vida. Os professores dos Anos Iniciais, portanto, podem não ter tido conhecimentos sistematizados sobre Cartografia Escolar nos seus cursos de graduação. Isto não significa que eles não possuem conhecimento cartográfico algum. Além dos conhecimentos vivenciados e experienciados no cotidiano, os professores podem (e devem) adquirir conceitos cartográficos por meio dos processos de formação continuada. A profissão do Magistério deve ser sempre entendida como uma carreira de aquisição constante de saberes.

A construção da práxis docente está diretamente relacionada ao papel da formação inicial e, também, da formação continuada de professores. No livro *Formação Continuada de Professores: processos formativos e investigativos*, Assolini e Lastória (2010), entrevistam a Selma Garrido Pimenta. A professora explica a formação inicial e continuada de professores a partir do conceito de



## II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



profissionalização da carreira docente. Para Pimenta, não é possível que o professor adquira todos os conhecimentos necessários para a atividade docente de uma só vez (na formação inicial). Assim, a formação continuada ganha destaque nas recentes pesquisas da área educacional e “quebra” a visão de formação tecnicista que já vinha sendo desconstruída desde meados das décadas de 1980 e 1990. E é, em oposição a essa formação tecnicista, que Veiga (2002) defende uma formação docente que contemple a discussão política acerca das condições de trabalho, de salário, de carreira e de organização da categoria. O professor, nessa perspectiva, é entendido como agente social privilegiado na luta por uma Educação crítica e de qualidade.

Todo professor está, portanto, continuamente em formação. Não é possível considerarmos que há um professor finalizado. Há sempre saberes sendo adquiridos e ou ressignificados para um professor que se entenda como profissional em busca de uma verdadeira Educação de qualidade.

### **Desafios das práticas pedagógicas com Cartografia Escolar**

Como professoras formadoras de outros docentes (tanto no âmbito da formação inicial quanto continuada) é comum ouvirmos que a busca por atividades e por conteúdos relacionados à cartografia acontece, principalmente, por meio de sítios variados na internet. Os professores dos Anos Iniciais buscam materiais de apoio, mapas, fotografias aéreas, imagens de satélites, dentre outros, para planejarem suas aulas que envolvem a cartografia. Sabemos, também, que eles utilizam suas próprias experiências pessoais como fortes referências para construir atividades de ensino com mapas. Os professores consideram, ainda, sua formação inicial insuficiente para desenvolverem com segurança um bom trabalho envolvendo a linguagem cartográfica. (Morais, 2014).



## II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



Outro aspecto desafiador e recorrente é a priorização do ensino nos Anos Iniciais para a alfabetização na Língua Materna e para as operações matemáticas básicas. Os professores desse segmento devem priorizar o ensino dos conteúdos de Língua Portuguesa e de Matemática, pois o seu próprio trabalho é avaliado pelo desempenho dos alunos medido por meio de provas pautadas nessas duas áreas do conhecimento. Como já mencionado anteriormente, as políticas públicas educacionais, seja na esfera nacional, estadual ou municipal, reforçam tal avaliação pela adoção de avaliações externas que não contemplam as demais áreas do conhecimento escolar, portanto, as noções e conceitos cartográficos não são priorizados dentre os parâmetros avaliativos.

Ressaltamos que para muitos, a Cartografia ainda é entendida como uma técnica e não como uma linguagem importante a ser ensinada e aprendida na escola. Castellar (2011) esclarece que é a partir do trabalho nos Anos Iniciais, com a linguagem cartográfica, que o aluno poderá construir observações mais abstratas e representações da realidade, a partir da sua realidade concreta. Assim, muitos equívocos são cometidos por currículos estabelecidos que excluem as noções e os conceitos cartográficos dos materiais escolares para os Anos Iniciais. Também temos que reconhecer que vários docentes, por não compreenderem a própria cartografia como linguagem, não a ensinam, dificultando a aprendizagem dos alunos.

Outros problemas que percebemos é a concepção equivocada que alguns educadores possuem a respeito de determinadas áreas específicas do conhecimento. Para eles, a criança necessita, em primeiro lugar, ser alfabetizada na Língua Materna para somente depois, adquirir conhecimentos científicos, históricos, cartográficos, dentre outros. Tais profissionais parecem não reconhecer as possibilidades que o ensino da linguagem cartográfica traz para



## II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



o letramento e registro escrito. O trabalho com mapas e pelos mapas já possibilita o contato com um diferente gênero textual, sua interpretação e o conhecimento de sua função social. Neste sentido, as orientações da BNCC de Geografia menciona a importância de se trabalhar o letramento cartográfico desde a Educação Infantil, pois nessa faixa etária, a criança já possui contato com a linguagem simbólica. Outro aspecto a ser pontuado é o desconhecimento de propostas de trabalho interdisciplinares, visto que os mapas temáticos podem ser utilizados em conteúdos de diversas áreas do conhecimento.

Lastória e Fernandes (2012) reforçam a importância que vários pesquisadores vêm apontando sobre o ensino “de” mapas e não apenas “com” mapas nos Anos Iniciais. Na concepção de Geografia como ciência que se dedica à compreensão da produção do espaço, o mapa torna-se um recurso indispensável. As autoras destacam a complexidade da linguagem cartográfica que, assim como as outras linguagens, exige pré-requisitos à sua compreensão, sendo fundamental, por exemplo, o ensino do alfabeto cartográfico. Este envolve a noção de ponto, de linha e de área, além das noções de lateralidade, de orientação, de localização, de referências espaciais, dentre outras.

Outro desafio a ser superado pelos professores dos Anos Iniciais é a superação de práticas de ensino tradicionais pautadas na repetição onde a atividade de copiar e pintar mapas são constantes. Como já foi mencionado, parte das dificuldades que muitos professores possuem ao tentar desenvolver práticas pedagógicas com a linguagem cartográfica ocorre porque eles não foram formados para isso. Não sabem ensinar noções relacionadas ao espaço, sejam elas “com mapas” ou “sobre mapas”.



## II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



Por outro lado, as possibilidades de recursos didáticos se ampliaram nos últimos anos. Os Atlas Escolares<sup>8</sup> foram retomados nas últimas décadas e estão cada vez mais próximos das diversas localidades ou regiões dos alunos. Os recursos tecnológicos também possuem papel central para impulsionar novas práticas escolares nos Anos Iniciais. É possível observar o uso de recursos audiovisuais, de jogos, de atividades com maquetes, de globos terrestres e mapas digitais como parte das estratégias adotadas pelos professores para trabalhar com a linguagem dos mapas, contribuindo assim com o letramento cartográfico dos estudantes dos Anos Iniciais.

### **Considerações Finais**

Neste texto focamos nas dificuldades que os professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental enfrentam em seu cotidiano no trabalho com a linguagem cartográfica. Consideramos os limites de natureza política explicitados nos programas a nível estadual e federal que priorizam as áreas de Língua Portuguesa e Matemática com enfoque na alfabetização.

Levamos em consideração, também, os limites da formação básica e continuada dos professores. Sobre a primeira, trata-se de um processo inicial (portanto que não deveria ser visto como final ou único no processo de desenvolvimento docente). É preciso salientar a fragilidade dos programas de formação continuada que não priorizam todas as áreas dos conhecimentos escolares, nem possibilitam suas integrações. Neste cenário, o educador continua a buscar (muitas vezes solitário) alternativas e formas complementares de aprimorar sua prática e ampliar seus estudos sobre o fazer docente. Identificar tais limites permite, sob nossa ótica, que encontremos formas de superá-los.

---

<sup>8</sup>Verificamos um crescimento contínuo dos trabalhos nos últimos anos envolvendo Atlas Escolares e sua elaboração nos eventos de Cartografia, a saber: Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares (2009, 2011, 2013, 2016).



## II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



Considerando as poucas pesquisas no Brasil com enfoque na formação docente inicial para o trabalho com a Cartografia Escolar vemos que as estratégias e o planejamento adotados para o ensino da linguagem cartográfica são fortemente influenciados pelas concepções e saberes provenientes das formações inicial e continuada vivenciadas pelos professores.

Por fim, a Cartografia Escolar luta para ser ressignificada nos Anos Iniciais do ensino fundamental. Para tanto, não só a realização de mais estudos do tipo diagnóstico, que valorizem os saberes dos professores, suas concepções a respeito do letramento cartográfico e das práticas escolares são necessários, mas principalmente, é urgente a adoção de políticas educacionais que valorizem e invistam na formação docente para o ensino da Geografia e a Cartografia Escolar, áreas que fazem tanta falta ao cidadão.

### Referências

ALMEIDA, R. D. (org.). **Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2007.

ASSOLINI, F. E. P.; LASTORIA, A. C. (Orgs.) **Formação continuada de professores: processos formativos e investigativos**. Ribeirão Preto - SP: Compacta, 2010.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. MEC. Brasília, 2017.

CASTELLAR, S. V. A cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar. In: ALMEIDA, R. D. (org.) **Novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

COLÓQUIO de Cartografia para Crianças e Escolares. **Anais do VII Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares**, Vitória, 2011.





## II CONGRESSO IBEROAMERICANO NÓS PROPOMOS! GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA



LASTÓRIA, A. C.; FERNANDES, S.A.S. de. A Geografia e a linguagem cartográfica: de nada adianta saber ler um mapa se não se sabe aonde quer chegar. **Ensino em Revista** (UFU. Impresso), v. 19, pp. 323-334, 2012.

LASTÓRIA, A. C.; FERNANDES, S.A.S. de. Cartografia escolar na formação inicial de professores dos anos iniciais do ensino fundamental: ficção ou realidade?. In: PORTUGAL; J.; OLIVEIRA, T.; Pereira; T. (orgs.) **(Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisas e experiências formativas**. Curitiba-PR: CRV, 2013, p. 53-68.

MARTINELLI, M. **As representações gráficas da Geografia: os mapas temáticos**, 2001. Tese (Livre-docência). FFCLH, USP, São Paulo.

PIRES JÚNIOR, R. Alfabetização Cartográfica: Algumas considerações sobre o uso do mapa nas séries iniciais do Primeiro Grau. In: **Revista de Geografia**. UERS, n.1, jan. 1997, p.73-38.

ROMANO, S. M. M. Alfabetização cartográfica: a construção do conceito de visão vertical e a formação de professores. In: CASTELLAR, S (org.). **Educação Geográfica: teorias e práticas docentes**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Ler e escrever: guia de planejamento e orientações didáticas**; Professor alfabetizador – 2º ano /Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação. São Paulo: FDE, 2011.

SIMIELLI, M. H. O mapa como meio de comunicação e a alfabetização cartográfica. In: ALMEIDA, R. D. (org.) **Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2007.

TARDIF, M.; LESSARD, C. e LAHAYE, L.. Os professores face ao saber – esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria e Educação**. Porto Alegre, n.4, pp215- 234, 1991.

TFOUNI, L.V., ASSOLINI, F.E.P. **Letramento e Trabalho Pedagógico**. Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, setembro/fevereiro, ano1. Vol.1. nº 001, Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil, 2007, p. 36-52.

VEIGA, I.P. A. (org) **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 14 ed, São Paulo: Papyrus, 2002.

VIEIRA, E. F. C. **A Cartografia no processo de formação acadêmica do professor de Geografia**. Tese de doutorado. FFCLH, USP. São Paulo, 2015.